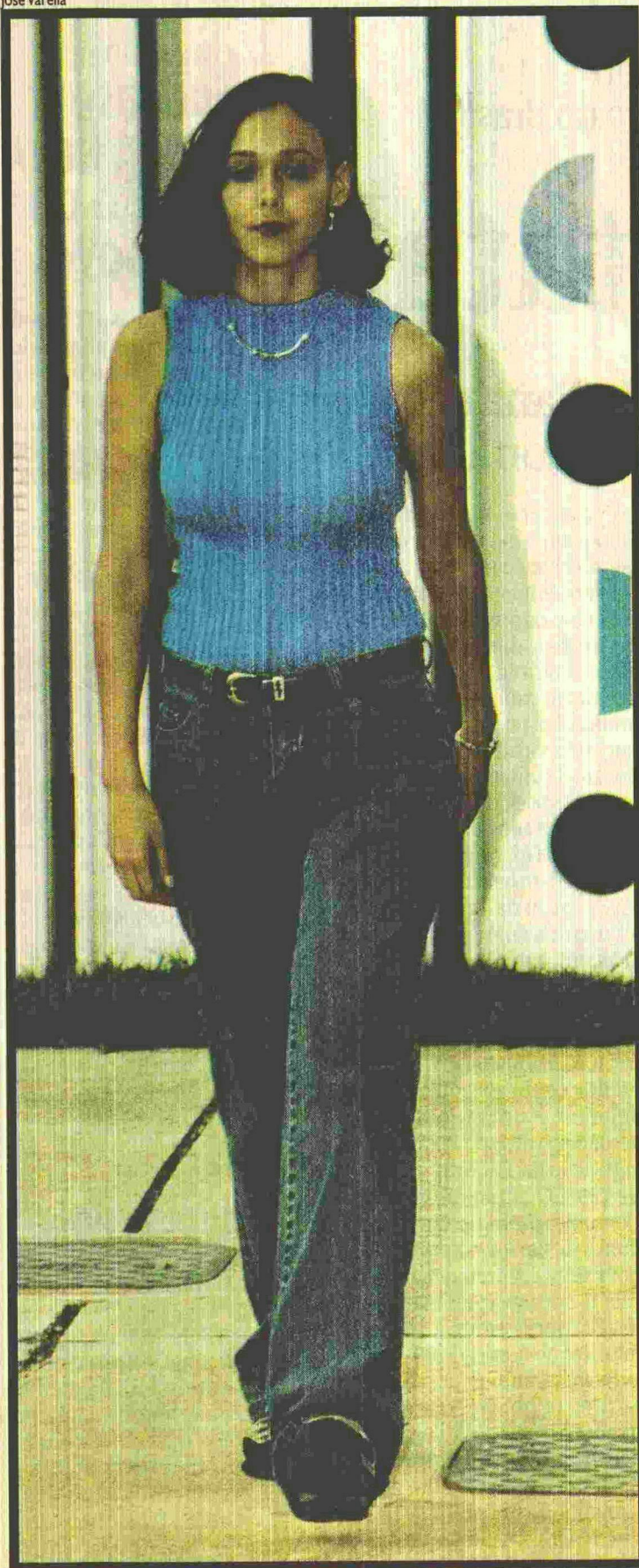


José Varella



KAMILA, QUE PERDEU A PERNA ESQUERNA: DIFICULDADES PARA SE ADAPTAR

AVANÇO MÉDICO

Estudos sobre o cérebro ajudam cirurgião de Brasília a desenvolver técnica que faz pessoas com pernas amputadas se adaptarem às próteses mecânicas

Resposta está na mente

Valesca Riviéri

Da equipe do Correio

“A saudade dói latejada. É assim como uma fígada no membro que já perdi.” A imagem poética utilizada por Chico Buarque para falar sobre a saudade, na canção *Pedacinho de Mim*, serve também para descrever um fenômeno da medicina que até então era mistério — o da perna fantasma. É comum que pessoas que tiveram um membro amputado continuem sentindo aquela região do corpo, experimentando frio, calor ou coceira. Não se sabia o porquê disso, mas uma pesquisa concluída este ano pelo cirurgião e diretor da Rede Sarah, Aloysio Campos da Paz, de Brasília, chegou a uma conclusão surpreendente: o membro perdido não é fantasma, porque ele continua a existir para o cérebro. O estudo foi apresentado ontem na Conferência do Ano 2000 sobre Lesão Cerebral, que reúne até amanhã na cidade especialistas e pesquisadores na área do cérebro de várias partes do mundo.

Examinando pacientes que tiveram a perna amputada, Aloysio comprovou que os impulsos cerebrais que eram responsáveis pelo movimento do membro perdido continuam existindo. “As sensações permanecem porque a pessoa amputou a perna, não o cérebro”, explica. Para chegar a essa conclusão, o cirurgião usou exames de ressonância magnética funcional, que permite ver quais partes do cérebro são ativadas quando realizamos qualquer movimento.

O uso mais importante da descoberta é aproveitar essa memó-

ria do cérebro para ajudar pacientes amputados a se adaptar de forma mais rápida às próteses mecânicas. O pesquisador defende a idéia de que o amputado deve sair da sala de cirurgia já com a prótese instalada, para aumentar as chances de adaptação. Ele acredita também que os amputados devem, já no dia seguinte à operação, receber toques na perna artificial e na sua perna verdadeira, para que o cérebro comece a distinguir a origem dos estímulos.

BENGALA E VIBRAÇÃO

O especialista começou a elaborar a hipótese que deu origem à sua descoberta nos anos 70, quando estava no Rio de Janeiro. Ao observar um cego andando pela rua, concentrado especialmente na vibração da bengala em contato com o chão, ele concluiu que a vibração estava ligada ao sistema nervoso. E que se o amputado fosse estimulado um dia após a cirurgia com toques, poderia se adaptar à nova condição de acordo com a vibração. “Então usei o princípio

da bengala no cérebro”, explica.

O tratamento de estímulo a amputados vem sendo utilizado pelo médico desde os anos 80 com bons resultados. Algumas pessoas conseguem andar com a perna artificial e o auxílio de uma bengala mesmo uma semana depois da cirurgia. A estudante Kamila Oliveira Soares, 18 anos, se beneficiou com as descobertas. Ela teve a perna esquerda amputada há dois anos por causa de um câncer ósseo que a atingiu. “Foi muito difícil aceitar. Sabia que tinha prótese, mas gostava de dançar, sair e pensava que não ia mais ter namorados”, lembra. Depois da cirurgia, a adaptação não foi fácil. Primeiro vieram as muletas e as quedas, depois a bengala. Mas há oito meses Kamila começou a andar sozinha. O tratamento foi longo, mas poderia ter demorado bem mais não fosse o tratamento. “Amadureci bastante e me acostumei com a prótese. Até comecei a namorar. Vou completar um ano de namoro”, contabiliza os ganhos.

PARA SABER MAIS

Fenômeno virou conto literário

O mito da perna fantasma é conhecido desde o século XVI, mas só foi reconhecido pela sociedade médica durante a Guerra Civil Americana, quando o neurologista Silas Mitchell conviveu com centenas de amputados e elaborou uma tese. Como os jornais especializados em medicina se recusavam a publicá-la, Mitchell criou o conto O estranho caso de George Dedlon, editado em uma revista popular. O caso relata a história de um soldado amputado que sente dores no membro perdido.